

Entre a esperança e a desilusão

Famílias vivem situação de conflito, já que alternam a busca com o sentimento de perda

AC&S MÍDIA/DIVULGAÇÃO

O sentimento de conforto parece não chegar para aqueles que desconhecem o paradeiro de um ente querido. São noites em claro imaginando se ele passa frio, sente fome e se, de fato, ainda vive. A esperança e a desilusão se alternam abalando o emocional das famílias de desaparecidos.

Segundo a presidente da Associação de Apoio a Perdas Irreparáveis (API), a psicóloga Gláucia Rezende Tavares, a falta da comprovação em relação à morte estabelece um grande conflito. "Essas famílias não têm mais a presença da pessoa amada, mas não possuem meios de ritualizar essa ausência. Ou seja, sofrem com a falta sem poder realmente admiti-la e tocar a vida para frente", diz a especialista em ajudar enlutados. A expectativa de um retorno - uma possibilidade não-descartada — alimenta toda a situação, que é descrita pelos estudiosos como perda ambígua. "A vida fica suspensa em todos os níveis."

Com o desaparecimento, conforme expõe Gláucia, não há uma comprovação objetiva de que uma mudança ocorreu. Então, cria-se um luto complicado. A psicóloga explica que, no caso da morte, por exemplo, os históricos rituais de despedida - como velório e sepultamento - organizam as emoções de uma situação dolorosa. "São instrumentos que favorecem a assimilação do sofrimento. No entanto, os parentes de desaparecido não dispõem deles. O fato de as pessoas se reunirem, se solidarizarem, elaboram uma mudança. O luto é um rompimento de um vínculo e é saudável para a administração de uma nova condição", pontua.

Sofrimento incalculável

Para a delegada da Divisão de Referência da Pessoa Desaparecida (DRPD), Cristina Coelli, que diariamente convive com as famílias, o sofrimento de indefinição enfrentado por elas é incalculável. A equipe da DRPD vai passar a contar, agora, com psicólogos e assistentes sociais para apoiar esses cidadãos. "Trata-se de um suporte técnico que irá somar forças ao trabalho de investigações", informa.

De acordo com a psicóloga, o esforço será importante no conforto dos parentes dos desaparecidos. "Essas pessoas já estão bastante abaladas quando procuram a polícia. Além disso, ainda se deparam com os trâmites legais como, por exemplo, a espera necessária para se configurar um desaparecimento", diz. Portanto, como ressalta Gláucia, a maior capacitação profissional será um grande diferencial para o trabalho realizado pela polícia.

Apoio a Perdas Irreparáveis
Tel: (0xx31) 3282-5645
E-mail: lauciatavares@gmail.com



A psicóloga Gláucia Tavares, presidente da Associação de Apoio a Perdas Irreparáveis (API), autora do livro "Do Luto à Luta"

Partilhar a dor pode ajudar a superá-la

Aprender a viver a angústia da perda sem padecer o corpo. Segundo a psicóloga Gláucia Rezende Tavares, essa é uma das orientações para as famílias que sofrem com a ausência de parentes desaparecidos. "O quadro depressivo é muito comum e, com ele, se manifestam várias doenças. Cada pessoa tem um órgão mais sensível. Há, por exemplo, registros de grande incidência de câncer de mama em mães que perderam seus filhos", informa a especialista.

Segundo Gláucia, ocorrem

casos de pessoas com tendência a desistir da vida por conduzirem mal essas perdas. Elas tomam a parte pelo todo e caem automaticamente em situação de doença. A grande questão deve estar, conforme explica a psicóloga, em identificar a privação de uma presença importante e buscar novas possibilidades a partir desse fato. "A energia emocional do momento poderá ser usada para construir ou desistir. Se for alimentada por ódio e revolta pode gerar um processo de auto-destruição."

No âmbito da construção, uma das possibilidades poderá ser o engajamento em campanhas na busca pelo desaparecido. "Com isso, ela vai estar ampliando a rede de contatos e ter espaço para não potencializar a ansiedade ou angústia. Vai se expressar, conhecer outras situações", esclarece. Com o passar do tempo, as pessoas podem, inclusive, elaborar um luto simbólico e através deles se desvincularem de pertences ou, no caso de relações afetivas, estarem abertas para novos romances.